

# ASPECTOS IDEOLÓGICOS DA LINGUAGEM FIGURATIVA RELATIVA AOS ESTEREÓTIPOS DE “HOMEM” E “MULHER” NO PORTUGUÊS BRASILEIRO

*Data de aceite: 01/03/2024*

### **Sérgio Nunes de Jesus**

Professor Doutor EBTT, de Língua Portuguesa, do Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia de Rondônia – IFRO, *campus* Cacoal-RO

### **Maria Cristina Ramos Borges**

Professora Doutora, Aposentada da Fundação Universidade Federal de Rondônia – UNIR, *campus* Rolim de Moura-RO

### **C. Ferrarezi Jr.**

Professor Doutor, Titular de Semântica, do Instituto de Ciências Humanas e Letras, da Universidade Federal de Alfenas - UNIFAL-MG, *campus* Alfenas

A fêmea é fêmea em virtude de certa carência de qualidades. Devemos considerar o caráter das mulheres como sofrendo de certa deficiência natural (Aristóteles, In: Beauvoir, Simone, 1970).

**RESUMO:** O artigo pretende, utilizando dados colhidos na cidade de Lins, SP, (1995), mostrar o comportamento ideológico diferenciado entre “homem” e “mulher” ocorrente em discursos cotidianos no Brasil. Na atual condição de parte reacionária da sociedade brasileira, especialmente depois dos quatro anos de governo de extrema direita reacionária de Jair Bolsonaro, tais comportamentos parecem ter-se intensificado, a despeito de queda anterior até por volta de 2019. São atrelados a esse comportamento ideológico calamidades sociais como o aumento irrefreado de casos de feminicídio e de discriminação a mulheres e minorias ligada a questões de gênero. Cumpre ressaltar que o artigo não apresenta nem defende ideologias de cunho feminista, mas se rende a constatações decorrentes de pesquisa de campo.

**PALAVRAS-CHAVE:** 1. Ideologia de gênero no Brasil. 2. Visão social da mulher. 3. Relação entre sentido e ideologia. 4. Língua brasileira. 5. Preconceitos.

## IDEOLOGICAL ASPECTS OF FIGURATIVE LANGUAGE CONCERNING THE STEREOTYPES OF “MAN” AND “WOMAN” IN BRAZILIAN PORTUGUESE

**ABSTRACT:** The article intends, using data collected in the city of Lins, SP, (1995), to show the different ideological behavior between “man” and “woman” occurring in everyday discourses in Brazil. In the current condition of the reactionary part of Brazilian society, especially after the four-year extreme right-wing reactionary government of Jair Bolsonaro, such behaviors seem to have intensified, despite previous decline until around 2019. Linked to this ideological behavior are social calamities, such as the rampant increase in cases of femicide and gender discrimination against women and minorities. It should be emphasized that the article does not present or defend ideologies of a feminist nature, but surrenders to findings arising from field research.

**KEYWORDS:** 1. Gender ideology in Brazil. 2. Social view of women. 3. Relationship between meaning and ideology. 4. Brazilian language. 5. Prejudices.

## ASPECTOS IDEOLÓGICOS DEL LENGUAJE FIGURATIVO EN RELACIÓN CON LOS ESTEREOTIPOS DE “HOMBRE” Y “MUJER” EN EL PORTUGUÉS BRASILEÑO

**RESUMEN:** El artículo desea, desde datos recogidos en la ciudad de Lins, SP, (1995), mostrar el diferente comportamiento ideológico entre “hombre” y “mujer” que ocurre en los discursos cotidianos en Brasil. En la condición actual de la parte reaccionaria de la sociedad brasileña, especialmente después de los cuatro años de gobierno reaccionario de extrema derecha de Jair Bolsonaro, tales comportamientos parecen haberse intensificado, a pesar de la disminución anterior hasta alrededor de 2019. A este comportamiento ideológico se unen calamidades sociales como el aumento desenfrenado de los casos de feminicidio y la discriminación de género contra las mujeres y las minorías. Cabe señalar que el artículo no presenta ni defiende ideologías de carácter feminista, sino que se rinde a las conclusiones derivadas de la investigación de campo.

**PALABRAS-CLAVE:** 1. Ideología de género en Brasil. 2. Visión social de la mujer. 3. Relación entre significado e ideología. Relación entre significado e ideología. 4. Lengua brasileña. 5. Prejuicios.

## INTRODUÇÃO

As línguas naturais se adequam, sócio-histórico e culturalmente às necessidades expressivas das comunidades que as utilizam. Essas necessidades expressivas são definidas pela *visão de mundo* que a comunidade desenvolve ao longo de sua história. A visão de mundo é resultante de um conjunto bastante complexo de elementos que atuam sobre o indivíduo, seja ele socializado ou não. Obviamente, o processo de socialização aumenta a influência cultural sobre cada falante, permitindo que se construam visões de mundo compartilhadas em certos grupos.

No Brasil, a recente ascensão de Jair Bolsonaro, governante autodeclarado como “conservador” e “de direita”, efervesceu os preconceitos nacionais contra certos grupos sociais, entre eles, mulheres e minorias identitárias, incluindo as de gênero.

Essa situação, mesmo que temporária, têm se refletido no comportamento social geral, sendo que os índices de feminicídio e de violência contra a mulher e contra minorias de gênero tem aumentado grandemente nos últimos quatro anos, revelando que o preconceito contra essas pessoas transcende os limites de linguagem e chega às agressões corporais e morais.

Tal discriminação acentuada tem como base aspectos da dita “moral da direita”, baseada em estereótipos de *família, indivíduo produtivo e sociedade capitalista*. Esses estereótipos apresentam longo histórico no campo social, infelizmente, não apenas das sociedades ocidentais, como também o restante do mundo.

Uma das hipóteses mais recorrentes para isso se baseia nas formulações religiosas e na pretensa culpa das mulheres em relação ao “pecado original” e a origem dos males da humanidade. Documentos antigos da Igreja Romana já atestavam essa hipótese, como se pode ver na maioria das religiões ocidentais e no islamismo, por exemplo. Nelas, as mulheres são consideradas responsáveis diretas e únicas pelo surgimento do pecado no mundo e, por isso mesmo, consideradas irremediavelmente culpadas pelo sofrimento da humanidade, o que justificaria seu tratamento desigual.

No cristianismo, embora a Bíblia diga claramente que “como por um homem entrou o pecado no mundo, e pelo pecado a morte, assim também a morte passou a todos os homens por isso que todos pecaram.” (Romanos 05:12), ainda assim as mulheres são consideradas culpadas pela origem do mal na Terra, o que é repetido em muitos documentos oficiais católicos. Em uma Bula do Papa Inocêncio VIII, datada de 1484, por exemplo, diz-se:

Que há de ser a mulher senão uma adversária da amizade, um castigo inevitável, um mal necessário, uma tentação natural, uma calamidade desejável, um perigo doméstico, um deleite nocivo, um mal da natureza? [...] A mulher, que solitária medita, medita no mal. [...] E, por serem mais fracas na mente e no corpo, não impressiona que se entreguem com mais frequência aos atos de bruxaria [...]. Mas, a razão natural disso é que a mulher é mais carnal do que o homem, o que se evidencia pelas suas muitas abominações carnis. E convém observar que houve uma falha na formação da primeira mulher, por ter sido ela criada a partir de uma costela recurva, ou seja, uma costela do peito, cuja curvatura é, por assim dizer, contrária à retidão do homem. E como, em virtude dessa falha, a mulher é animal imperfeito, ela sempre decepciona e mente (*Malleus Maleficarum*, p. 115-6).

Em suma, a visão tradicional da Igreja Romana, alimentada por séculos a fio, embora contrária à visão escriturística, é de que Deus errou na criação das mulheres, que saíram das mãos divinas como “animais imperfeitos” e, por isso mesmo, foram as ocasionadoras do pecado original. Essa visão, se alimentada, há de ter consequências estruturantes no ambiente social, sem dúvida alguma. E foi isso que ocorreu ao longo dos séculos no Brasil e que se exacerbou nos últimos anos.

Pinsky (2013) e Lerner (2019) atestam que, a esse fator de cunho religioso, acrescentam-se questões biológicas, como a menor força física feminina (no geral),

tradições sociais infundadas e crenças místicas, como uma maior tendência das mulheres para a feitiçaria (é muito mais fácil ver bruxas do que bruxos nas histórias infantis), além de uma mente pretensamente emotiva e irracional. Todos esses fatores concorrem para a criação de uma visão distorcida de mundo acerca das mulheres e, quando fomentados, se tornam parte de uma lógica funesta que baseia preconceitos e justifica atos de violência.

Diante desses fatos, este artigo pretende levantar termos e expressões utilizados pelo povo estereotipicamente em relação ao sexo feminino, tecendo relações entre essas formas linguísticas e a construção ideológica da cultura brasileira acerca do dito *sexo frágil*, seus condicionamentos da infância à velhice, a posição social, as funções orgânicas, o campo profissional, o estereótipo da mulher-objeto, a moral imposta, os valores sexual e social etc. Diretamente no campo das significações, procuram-se os sentidos dos termos encontrados, com a fidelidade necessária a esse tipo de estudo.

## ALGUNS ASPECTOS TEÓRICOS

Como dito, as línguas experimentam constantes transformações para dar conta das necessidades expressivas dos falantes em cada comunidade. Porém, essas adaptações não são fortuitas ou desprovidas de fundamento. É a cultura de cada sociedade, cultura esta que impõe uma visão de mundo a todos os indivíduos que não tenham consciência desse processo, que motiva tais adaptações.

Ao longo da história sociocultural de uma comunidade, portanto, cria-se uma forma de expressão capaz de dar conta das práticas consuetudinárias, da moral, da ética, das relações sociais, econômicas, parentais, enfim, de todo o “mundo cotidiano” dessa mesma comunidade, forma de expressão que, obviamente, vai estar incrustada com todo o arsenal ideológico que a visão de mundo dos falantes sustenta. Não sem razão, Volóchinov (2018) sustentava a natureza iminentemente ideológica da palavra. Assim, não é a língua que é machista ou feminista, mas ela reflete diretamente, em suas diferentes formas de expressão, os valores de uma sociedade machista ou feminista.

Por isso é que a língua brasileira nos mostra uma dependência e uma subordinação da mulher ao homem, uma desigualdade de papéis masculinos e femininos e valores ideológicos discriminatórios em relação às mulheres e outras minorias associadas a elas (como ocorre, por exemplo, com sujeitos gays, que acabam “emprestando” da visão de mulher que a sociedade alimenta uma série de elementos discriminatórios). Hall (1959) já dizia que língua e gênero estão ligados de diversas formas. E, hoje, sabemos que as formas que os ligam são os estratos ideológicos que se relacionam a uma e outro.

Tomemos como base a questão da “invisibilidade” da mulher, que se manifesta em campos diversificados, embora já se possa dizer que diminuiu com o passar dos anos. Nos ambientes sociais – clubes, bares, salões de jogos etc. – nas companhias particulares, nas diretorias governamentais, nos altos escalões das empresas, no campo legislativo e

até mesmo no núcleo familiar, normalmente, são os homens que decidem e que ocupam as funções de maior visibilidade, com raras exceções. A figura feminina é notada por sua ausência ou por sua passividade, passividade esta que é costumeiramente associada a uma pretensa “feminilidade” da pessoa, aliás, bem-vista socialmente. Entre as “virtudes” femininas mais destacadas na construção socioideológica brasileira estão a passividade, a delicadeza, as habilidades manuais e culinárias, a economia doméstica, a beleza corporal, a cortesia, a emotividade associada a uma baixa racionalidade e uma voz “doce”.

Essas “virtudes”, elogiadíssimas no ambiente social, fundamentam um estereótipo quase infantil de mulher fragilizada, aquele evidente na maioria das chamadas “princesas da Disney”. Com tal estereótipo, as mulheres são vistas como naturalmente impedidas de exercer um grande conjunto de atividades sociais, profissionais e de gestão da sociedade. No Brasil, este último aspecto fica ainda mais evidente no campo legislativo, em que apenas 14,80% das vagas são ocupadas por mulheres, contra uma média mundial de 30%, segundo dados do Observatório Nacional da Mulher na Política, do Congresso Nacional, número que baixa para 8% quando se analisam os cargos de comando do poder legislativo em todos os níveis. Aliás, com base nas últimas eleições, formaram-se mais de 900 câmaras municipais que não contam como uma única representante feminina em seu plantel de vereadores. Enfim, caberia perguntar por que muitas comunidades não elegem mulheres. A resposta é clara: porque baseiam suas escolhas para posições de mando social em sua visão de mundo ideologicamente distorcida. Mas, voltemos à questão linguística.

Como a língua reflete essa complexa construção ideológica, vamos nela encontrar, portanto, formas de expressão que correspondam à ideologia vigente. Para compreender essa correlação, veremos, no próximo subtítulo, alguns exemplos reveladores de como tal expressão ideológica das questões de gênero acontece.

## IDEOLOGIA DE GÊNERO REVELADA NA LÍNGUA BRASILEIRA

Neste subtítulo, elencamos um conjunto de formas de expressão do português brasileiro coletadas em Lins, SP, que nos mostram como a língua reflete uma visão distorcida do elemento feminino na sociedade, uma vez que é reflexo da visão de mundo dos falantes.

Um fato visível no português é a invisibilidade feminina nos *pronomes indefinidos*. Sabe-se que tais pronomes de referência à pessoa – *ninguém*, *alguém* e *outrem* – não podem ser considerados nem femininos nem masculinos, pois não trazem marca de gênero. Entretanto, a concordância nominal, quando se faz necessária, é feita com o adjetivo em sua forma masculina. Vejamos: “Ninguém *famoso* compareceu ao show.” ou ainda “Ficava na janela a ver se alguém *conhecido* passava.”.

Quando, entretanto, ouvimos sentenças onde a concordância de tais indefinidos se faz com a forma feminina, constatamos que, na realidade, esta não se dá com os indefinidos

*ninguém, alguém e outrem*, e sim com a pessoa a que se referem os pronomes: “Nunca vi ninguém tão *bonita* quanto Maria” ou “Alguém anda *saudosa* dos pais”. No primeiro exemplo, a concordância se dá com o nome *Maria* e no segundo, com a pessoa que o falante tinha em mente. Em ambos a concordância não se deu com o pronome indefinido e sim com o seu referente.

Outro exemplo é a *concordância com concorrência de gênero*. É aspecto conhecido que, num contexto onde se verifica a concorrência de gêneros, ou seja, figuram juntas uma ou mais formas masculinas e femininas, pode-se constatar que o adjetivo posposto que as determina é usado obrigatoriamente no masculino plural. Assim “Homens e mulheres *idosos*”.

Outra expressão do predomínio da forma masculina sobre a feminina encontra-se nas palavras usadas para sintetizar substantivos de gêneros diferentes. Suponhamos que alguém tenha um irmão e uma irmã. O modo de referir-se a eles é *meus irmãos*. O mesmo acontece com o pai e mãe – *pais* –, com o vizinho e a vizinha – *vizinhos* –, rei e rainha – *reis* –, enfim, um número ilimitado de formas que, quando expressas em pares, têm o masculino como elemento de referência.

Ainda há a escolha do pronome pessoal masculino de terceira pessoa do plural, quando há mistura de referentes, isto é, quando temos nomes masculinos e femininos juntos. Na frase “*João e Maria saíram*”, se quisermos substituir os nomes próprios por um único pronome, só temos uma saída – *eles* (*Eles saíram*). Isso também se aplica no caso de uma sala de aula. Se tivermos 39 alunos, sendo 38 do sexo feminino e 01 do sexo masculino, o professor terá que se referir a eles como *meus alunos*.

Outro aspecto interessante dessa forma ideológica de expressão se dá pelo uso de termos considerados genéricos. Assim, vemos: “*O homem* conquistou a lua.”, “*Os brasileiros* são alegres.”, “*Os trabalhadores* estão em greve.” e “*Os governantes* aumentaram nossos impostos.”. Esse uso *genérico* da forma masculina não causa problemas em relação à identificação dos referentes a ele associados. Por outro lado, o contrário limitaria o conjunto de referentes: com “*A mulher* conquistou a lua”, não estaríamos nos referindo ao conjunto de seres humanos, e sim a um elemento desse conjunto, porque a palavra *mulher* não é usada para designar “qualquer indivíduo pertencente à espécie animal que apresenta maior grau de complexidade na escala evolutiva”. Essa é, entretanto, a significação primeira da palavra “homem”. Isso é estabelecido consuetudinariamente e apenas forma masculina pode englobar os dois sexos.

Apesar dessa característica, o uso genérico do substantivo masculino pode, em certos contextos, tornar-se ambíguo. Vejamos: “*Os mongóis* foram grandes conquistadores. *Nas localidades a que chegaram, tomaram dos camponeses suas terras e prostituíram suas mulheres*.”. Neste exemplo, *mongóis* refere-se, obviamente, ao povo mongol, sem distinção de sexo e idade. Mas, certamente, nenhuma mulher ou criança mongóis “*prostituíram mulheres*”. No final da frase, o assunto deixou de ser genérico para ser especificamente

masculino. Esse – a confusão entre genérico e particular – é um típico fenômeno linguístico que excluiu da humanidade, na maioria das vezes, as mulheres, principalmente quando as frases têm referências históricas.

Assim, no que tange a essas formas de expressão da linguagem portuguesa, a desvantagem do dito *segundo sexo* é grande. Os meninos ouvem, desde cedo, termos masculinos referindo-se a eles, mas as meninas precisam aprender que, em certos contextos, estão escondidas nos “homens”.

Ainda podemos ver que a “ofensa”, categoria linguística classificada entre os *atos de fala* (no sentido austiniano), ganha maior ou menor intensidade quando relacionada ou não, respectivamente, às virtudes de que tratamos antes como associadas ao estereótipo feminino. Assim é que algumas expressões de ofensa se constituem como mais graves que outras quando dirigidas a uma mulher. É considerado mais pejorativo chamar uma mulher de “gorda” ou “barriguda” (fator ligado à “virtude” da perfeição corporal em conformidade com os estereótipos da época) do que de “burra”, algo que é considerado “normal” no gênero. Então, justamente porque esse é um fator considerado relevante na estereotipia feminina, um verdadeiro arsenal de gírias e apelidos ofensivos dirigidos a mulheres que estejam fora do padrão estético vigente surge na língua. Entre esses termos, podemos destacar palavras e expressões como *baleia, baleote, balofo, balona, bolota, barril, bolo fofo, bujão, Casa da Banha, cintura de pacu, cintura de moeda, cintura de bujão de gás, elefante, espaçosa, planetária, Mar e Terra, redonda* etc., usadas com certa normalidade não apenas por homens, mas também por outras mulheres que desejam insultar gravemente uma mulher. Já dizer que o cérebro da mulher é constituído por *Tico e Teco*, que ela é *lerda, lesa, lenta, loira* (no sentido de *burra*) *incompetente ou incapaz de fazer certas coisas é prática que se vê comumente de mulheres referindo-se a si mesmas!*

Em relação à *velhice*, mulher de cabelos brancos é *velha* e homem de cabelos brancos é *charmoso*. A mulher vai envelhecendo e se tornando *bagulho, sucata, traste, coroa* etc. Por essa razão há uma pressão social desigual em relação à velhice para homens e mulheres. Estas, para se desvincularem de uma avaliação pejorativa, muitas vezes apelam para tinturas de cabelo, tratamentos faciais e corporais muitas vezes agressivos e com risco à vida, e assim, tentam esconder como podem a sua idade. Sentenças como “*Você está se descuidando, assim ele arranja outra.*” são reveladoras dessa pressão social desigual sobre as mulheres.

No que tange à construção de expressões de cunho idiomático, é comum que a palavra “homem” apareça nas construções em sentido positivo, enquanto a palavra mulher aparece em sentido pejorativo em uma expressão aparentemente equivalente. Vejamos:

1. *Homem da rua* – indivíduo popular;
2. *Homem da vida* – indivíduo muito experiente;
3. *Homem à-toa* – indivíduo sem atividades no momento;
4. *Homem do povo* – indivíduo considerado representativo dos interesses e opiniões do homem comum;
5. *Homem que não leva desaforo pra casa* – indivíduo de atitude, de atos incisivos;
6. *Homem bom de conversa* – indivíduo agradável para conversar, com conteúdo e boas maneiras para falar.

Veja-se como a palavra “mulher” aparece nas seguintes expressões equivalentes, mas com sentido pejorativo:

1. *Mulher da rua* – meretriz;
2. *Mulher da vida* – vagabunda, meretriz;
3. *Mulher à-toa* – meretriz, mulher enganadora ou sedutora;
4. *Mulher do povo* – meretriz;
5. *Mulher que não leva desaforo pra casa* – *mulher revoltada, mal educada, grosseira*;
6. *Mulher boa de conversa* – *mulher fofoqueira, faladeira, perigosa e enganadora*.

Vale a pena ressaltar, também, o caso das *metáforas zoomórficas* usadas para a mulher, nas quais encontramos a mesma dicotomia ideológica notada nos exemplos acima, de maneira que a mesma base de analogia metafórica, isto é, a comparação com o mesmo animal, é, geralmente, positiva para o homem e pejorativa para a mulher. Vejamos alguns exemplos:

1. *Cachorro* – cadela;

Cachorro (cachorrão) – homem que tem muitas parceiras sexuais ou comportamento descolado e malandro (aceitável para homens);

Cadela – mulher de procedimento censurável, desavergonhada, meretriz.

2. *Galo* – galinha;

Galo – homem dominador, que manda na área, que “canta” no terreiro; também, homem que tem orgasmo muito rápido;

Galinha – mulher promíscua, que se entrega sexualmente sem resistência, meretriz.

3. *Cavalo* – égua;

Cavalo – homem viril; homem bruto (aceitável para os homens);

Égua – mulher feia ou promíscua.

#### 4. *Garanhão* – potranca;

*Garanhão* – homem viril, homem belo e forte;

*Potranca* – jovem atraente considerada boa apenas para se ter relações sexuais.

#### 5. *Touro* – vaca;

*Touro* – homem viril, forte, musculoso, embora possa ser usado, também como sinônimo de “homem traído”;

*Vaca* - mulher de procedimento censurável, desavergonhada, meretriz.

No escopo dessa construção ideológica de discriminação de gênero que a língua expressa, um conceito parece ser o ápice do desequilíbrio na visão social dos estereótipos de homem e de mulher: a *virgindade*. Esse conceito raramente é aplicado como sendo essencial a homens, embora isso seja possível. *Virgindade* é, como virtude, um atributo tipicamente feminino. Assim é que, com base na assimetria de sentido existente entre as expressões usadas para a *mulher não-virgem* e para *homem virgem*, observa-se que o desvirginamento da mulher solteira é vergonhoso, enquanto é a virgindade do homem que é tida como anormal, ainda que as sanções sociais se façam sentir muito mais sobre o sexo feminino. Portanto, expressões como *piranha*, *vagabunda*, *mulher-fácil*, *piriquete*, e *cadela* são aplicadas a mulheres solteiras que perderam a virgindade, mas não têm correlatas para homens na mesma condição. Por outro lado, existem expressões como *mulher-moça*, *moça*, *mulher casta*, *mulher-donzela*, *donzela* e *senhorita* que, na maioria das regiões brasileiras, não apresentam correlatas para homens em mesma condição.

Porém, a moral do duplo valor ultrapassa o campo sexual e estende-se também ao campo social. Basta a mulher comportar-se com mais espontaneidade que a sociedade já a marginaliza. A ela não é permitido falar alto na rua, encontrar-se em botequins, frequentar certos locais sozinha, dirigir-se a qualquer homem ou convidá-lo para sair ou dançar, pois há expressões que lhe serão negadas nesses casos: *mulher direita*, *mulher honesta*, *mulher comportada*, *mulher educada*, *mulher descente*.

Nesse campo do comportamento social, vale a pena ressaltar dois verbos encontrados na língua portuguesa: *ir* e *levar*. Vejamos a frase: “*João leva Maria à praia*.” O objeto do verbo *levar* em frases desse tipo só pode ser uma mulher, uma criança, uma pessoa enferma ou aleijada ou um idoso. Dificilmente será outro homem que esteja em condição equivalente a “*João*”. Quando os dois indivíduos se equivalem, preferem-se estruturas como: “*João vai com Pedro à praia*.” ou “*João e Pedro foram juntos à praia*”. Se o sujeito é do sexo feminino e o objeto do masculino, optamos, não raro, pelo verbo *ir*: “*Maria vai (mas não leva) com João à praia*.” Enfim, em casos assim, na nossa língua, se João e Maria têm as mesmas condições físicas e etárias, Maria, normalmente, não ocupa a posição de sujeito do verbo *levar*. Consuetudinariamente, só se usa a frase *Maria leva João à praia*, se Maria for responsável por João, se ele for doente ou uma criança.

É interessante também observarmos frases como “*Vou com minha namorada à praia.*”, em que o verbo *ir* reflete uma autonomia de ação por parte do homem, mas subentende uma dependência feminina, pois para ele esse enunciado equivale a “*Vou levar minha namorada à praia.*”.

Ainda em relação à passividade da mulher, veja-se essas expressões: *encomendar bebê, ganhar bebê, ele fez um filho nela*. Nelas, a participação feminina é quase nula, senão totalmente nula. Em *encomendar bebê*, *encomendar* encontra-se no dicionário como “o ato de pedir a outra pessoa para fazer alguma coisa”; *ganhar*, na expressão acima, equivale a “receber” em total passividade; em “*ele fez um filho nela*”, a atividade de fecundação é atribuída totalmente ao homem, que, nesse caso, assume também o papel de beneficiário, pois é “*ela quem lhe dá*” um filho.

O verbo *engravidar*, embora admita sujeito do sexo feminino (*Ela engravidou*), é o resultado de um ato praticado pelo sexo masculino. É “*ele quem a engravida*”.

Ainda no campo da relação social do casamento, quando o homem diz “*minha mulher*”, com isso dá o sentido de “*minha esposa*”. Por outro lado, se a mulher diz “*meu homem*”, o sentido comum é de “*meu amante*” ou “*meu amásio*”, mas nunca de “*meu esposo*”. Da mesma forma, as expressões “*solteirona*” e “*solteirão*” são semântica e ideologicamente assimétricas. Enquanto a primeira expressa uma condição de “*frustração*” e “*rancor*”, a segunda expressa “*liberdade*” e “*possibilidade de realizar aventuras*”.

É interessante perceber que há um ato social em que a mulher continua aparentemente sendo “*mulher*”. É na cerimônia de casamento, quando oficiante legal usa a fórmula oficial do matrimônio: “*Eu vos declaro marido e mulher*”, ao invés de “*Eu vos declaro marido e esposa*” ou “*esposo e esposa*”. É como se, para ela, tudo continuasse da mesma forma, pois, se antes já era mulher, continua sendo. Para o homem, entretanto, há uma mudança, ele deixa de ser “*homem*” para tornar-se “*marido*”, uma vez que ele será o “*cabeça*” da família.

Outro aspecto, agora ligado à antroponímia (embora recentemente transformado em opcional no Brasil, mas ainda vigente e desejado por muitas pessoas), está no fato de que, quando se casa, a mulher pode adotar o sobrenome do marido, mas não o contrário. É como se o novo nome revelasse uma *marca de propriedade*. E em alguns casos, a mulher chega a abdicar do seu nome e passa a chamar-se somente o nome do marido – a *Sra. João Albuquerque*.

Carlos Drummond de Andrade mostra esse problema em sua crônica “*Divorciou? Tirou o nome*”:

Mulher divorciada não precisa mais usar o nome do ex-marido, se ganhar contra ele a causa na Justiça. E se perdê-la, muito menos, pois o *ex* é que lhe exigirá o corte do nome.

Muito bem. Isso de adicionar ao nome de registro civil da mulher o sobrenome do marido lembrava – desculpem a crueza da comparação – a marca do fazendeiro impressa na anca da rês de sua propriedade. Impressa a ferro em brasa... No casamento, a operação dispensa o ferro incandescente, com as iniciais ou o símbolo do proprietário, reduz-se a simples anotação em cartório, mas dá na mesma: aquela mulher está marcada; se fugir, será fatalmente reconhecida; se a roubarem, o ladrão fica desmascarado (Jornal do Brasil, Rio de Janeiro, 13 dez. 1977).

A própria visão social de contrair núpcias é vista como negativa, como a perda da liberdade, para o homem e como positiva, um ganho significativo para a mulher. Assim, é comum ouvirmos expressões que mostram que o homem que deseja casar é *louco, bobo, imbecil, otário, babaca, foi fisgado, caiu no golpe do baú, está sendo enganado, está cego de paixão*. Já em relação à mulher, para o mesmo ato social atribuem-se adjetivos como *inteligente, esperta, sortuda, feliz, garantida e abençoada*. Já ouvimos, em certas ocasiões, a seguinte frase: “*O homem nasce, cresce, fica bobo e casa.*”, que não tem correlata para as mulheres.

Para encerrar nossos exemplos, se considerarmos as duas palavras em si, veremos quem em seu uso metafórico, “*homem*” e “*mulher*” também apresentam sentidos associados a valores ideológicos assimétricos. Nesses casos, podemos constatar que o sexo feminino é associado a valores inferiores. Em expressões como “*ser homem*” (*Seja homem, rapaz!*), *agir como homem* (*Se comporte como homem!*), a expressão tem conotações positivas: corresponde a *agir com bravura, ser valente, corajoso, honesto, viril, manter a palavra dita etc.* Já “*agir como mulher*” é associado a ser *covarde, maricas, frágil, cheio de mi-mi-mi etc.*

Poderíamos, aqui, multiplicar os exemplos à casa das centenas ou dos milhares, mas os que demos, cremos, são suficientes para demonstrar como muitas formas de expressão já consolidadas no português brasileiro deixam transparecer ideologicamente a assimetria sociocultural que vige em nossa sociedade. Passemos, então, às considerações finais.

## CONSIDERAÇÕES FINAIS

Como pudemos ver, a língua de uma comunidade de falantes é construída ao longo da história para representar todos os aspectos da visão de mundo compartilhada pelos falantes. Assim, uma língua utilizada por uma comunidade em que as estereotípias estão presentes e em que, no caso específico deste estudo das concepções de “homem” e “mulher”, são gritantemente assimétricas e desfavoráveis à mulher, essa língua apresentará formas de expressão que deixem isso bastante claro. Enfim, a ideologia que sustenta uma visão de mundo de uma pessoa aflora na linguagem dessa pessoa de maneira inevitável.

Por isso, apesar de constatararmos repetidas conotações degradantes nos termos relativos à mulher, isso não significa que a mera mudança da linguagem resolveria o problema e, muito menos, que devemos aceitar que tal discriminação se perpetue. Explicamos melhor: *linguagem, pensamento e cultura* agem em constante interinfluência. Como forma majoritária da expressão de nossos pensamentos e de nossa cultura, a linguagem os influencia, assim como é influenciada. Mas, nesse processo, os fatores mais determinantes da visão de mundo são a cultura e o pensamento, que são representados pela linguagem.

Logo, para que a linguagem se altere, é essencial que haja mudanças culturais e de pensamento, isto é, de visão de mundo, no sentido tratado neste artigo. Assim, justamente por não aceitarmos que essas formas de discriminação se perpetuem quer contra mulheres, quer contra quaisquer outros grupos sociais, devemos agir na direção de alterar as concepções estereotipadas sobre os seres humanos, seus os gêneros, religiões, grupos ou tribos sociais etc., defendendo incansavelmente a diversidade humana como seu maior valor intrínseco.

Obviamente que, pelo seu dinamismo, a língua se modificará e até criará expressões diferentes quando a visão de mundo for modificada. Quando as necessárias mudanças sociais e culturais ocorrerem, as mudanças linguísticas serão acarretadas - e não vice-versa. Porém, cumpre notar que as mudanças linguísticas costumam ser mais lentas que as mudanças socioculturais. Temos, portanto, um grande percurso em busca de simetria social e respeito democrático à nossa frente.

## REFERÊNCIAS

AULETE, Caldas. **Dicionário contemporâneo da língua portuguesa**. 5. ed. Rio de Janeiro, Ed. Delta S.A., 1970.

BEAUVOIR, Simone. **O segundo sexo**: 1. Fatos e mitos. Trad. Sérgio Milliet. São Paulo: Difusão Europeia do Livro, 1970.

DUBOIS, Jean, *et alii*. **Dicionário de Linguística**. São Paulo: Cultrix, 1993.

FARBER, Seymour M. **Quem é a mulher**. Simpósio compilado por Seymour M. Farber e Roger H. L. Wilson. Tradução de Sylvia de Oliveira Jatobá. Rio de Janeiro, Fundo de Cultura, 1966.

FRIEDAN, Betty. **Mística feminina**. Tradução de Áurea B. Weisenberg. Petrópolis: Vozes, 1971.

INSITORIS, HEINRICH. **Malleus Maleficarum**: o martelo das feiticeiras. Tradução de Paulo Fróes. 21. ed. Rio de Janeiro: Record/Rosa dos Tempos, 2010.

LAVWE, Paul-Henry Chamboatde. **Imagem da mulher na sociedade**. Tradução de Geny C. Pinto. São Paulo: Senzala, 1967.

LERNER, Gerda. **A criação do patriarcado**. Edição Digital. São Paulo. Editora Cultrix, 2019.

MEAD, Margaret. **Macho e fêmea, um estudo dos sexos num mundo de transformações**. Tradução de Margarida Maria Moura. Petrópolis: Vozes, 1974.

PINSKY, Jaime. **12 Faces do Preconceito**. 11. ed. São Paulo. Editora Contexto, 2013.

RECTOR, Mônica. **A linguagem da juventude**: uma perspectiva geossociolinguística. Petrópolis: Vozes, 1975.

SILVA, Carmem da. **A arte de ser mulher**. 2. ed. Rio de Janeiro, Civilização Brasileira, 1967.

STUDART, Heloneida. **Mulher, objeto de cama e mesa**. Petrópolis: Vozes, 1975.

VOLÓCHINOV, V. **Marxismo e filosofia da linguagem**: problemas fundamentais do método sociológico na ciência da linguagem. Tradução e notas e glossário de Sheila Grillo e Ekaterina Vólkova Américo. São Paulo: Editora 34, 2018.